

As ilhas do São Francisco e ...  
1947 SP-PP-00892



CPATSA-4439-1



## As Ilhas do São Francisco e a Flora da Ilha do Estreito

### INTRODUÇÃO

*Dárdano de A. Lima*

Eng. Agrônomo

Estão em andamento os trabalhos para instalação da Estação Experimental de Jatinã, localizada na Ilha do Estreito, no município de Jatinã.

Constando do plano geral, uma parte de colonização agrícola, com a possível transformação de seus campos, atualmente quasi incultos em outros tantos de lavoura intensiva, resultando num desaparecimento da quasi totalidade de sua flora nativa, ocorreu-nos catalogar essa mesma flora.

Como 1.<sup>a</sup> parte apresentamos um rápido comentário sobre o trecho pernambucano do São Francisco, e suas Ilhas, seguido, como 2.<sup>a</sup> parte, da identificação, apenas, das famílias botânicas daquelas plantas que ali são conhecidas por nomes vulgares, e algumas utilidades que as mesmas têm para o sertanejo São Franciscano. Essas utilidades baseiam-se, na sua maioria, em informações de moradores da região.

### AS ILHAS

O São Francisco, no seu curso separando os Estados de Pernambuco e Baía, do "Páu da História" à foz do Moxotó apresenta o mais triste quadro de toda sua extensão.

São aproximadamente 500 quilômetros, onde, excluindo, o pequeno rio do Salitre, que desemboca pela margem baiana, 1 leguas acima de Joazeiro e 2 abaixo do já citado "Páu da História" não encontramos um só afluente perene. Esse fato nos leva a crer na possibilidade de "o mais brasileiro dos rios" divergindo do comum das "estradas líquidas" que se avolumam à medida que avançam em seu curso, reduzir bastante suas águas, pela evaporação direta e pela infiltração. Os "riachos" ou "rios" que a êle vão ter, dentre os quais destacamos, a partir de Petrolina: o do Pontal, o da Brígida, do Giqui, da Porta, de Baixo, o Pajeú, do Mandante e o Moxotó na margem pernambucana e o da Tapera, da Barra Grande, da Várzea, do Tarrachil ou Riacho Grande, o das Pedras Grandes, do Saco e o Riachão na margem baiana, apenas correm no curto período das trovoadas que é, geralmente, de Novembro a Abril. Devemos notar, ainda, que essas não são continuadas e muitos anos escasseam, quando não faltam. Nos restantes meses do ano, seus leitos ficam completamente secos. Para se ter uma idéia da pequena pluviosidade desse trecho do rio São Francisco apresentamos um resumo das precipitações na sede do município de Jatinã, de 1927 a esta data:

### MAPA PLUVIOMÉTRICO DE JATINÃ

— 1927 —		— 1928 —	
Janeiro . . . . .	0 mm.	Janeiro . . . . .	69 mm.
Fevereiro . . . . .	60 mm.	Fevereiro . . . . .	0 mm.
Março . . . . .	192 mm.	Março . . . . .	93 mm.
Abril . . . . .	0 mm.	Abril . . . . .	3 mm.
Maió . . . . .	40 mm.	Maió . . . . .	4,6 mm.
Junho . . . . .	0 mm.	Junho . . . . .	20, mm.
Julho . . . . .	0 mm.	Julho . . . . .	0 mm.
Agosto . . . . .	5 mm.	Agosto . . . . .	0 mm.
Setembro . . . . .	0 mm.	Setembro . . . . .	0 mm.
Outubro . . . . .	0 mm.	Outubro . . . . .	0 mm.
Novembro . . . . .	8 mm.	Novembro . . . . .	57,9 mm.
Dezembro . . . . .	134 mm.	Dezembro . . . . .	10,5 mm.
	439 mm.		258,0 mm.

### — 1929 —

Janeiro . . . . .	102,1 mm.
Fevereiro . . . . .	104,8 mm.

### — 1930 —

Janeiro . . . . .	0 mm.
Fevereiro . . . . .	18,0 mm.

Março . . . . .	190,2 mm.	Março . . . . .	75,0 mm.
Abril . . . . .	90,9 mm.	Abril . . . . .	10,0 mm.
Maió . . . . .	19,0 mm.	Maió . . . . .	9,0 mm.
Junho . . . . .	0 mm.	Junho . . . . .	4,0 mm.
Julho . . . . .	11,0 mm.	Julho . . . . .	0 mm.
Agosto . . . . .	0 mm.	Agosto . . . . .	0 mm.
Setembro . . . . .	0 mm.	Setembro . . . . .	0 mm.
Outubro . . . . .	0 mm.	Outubro . . . . .	0 mm.
Novembro . . . . .	47,0 mm.	Novembro . . . . .	0 mm.
Dezembro . . . . .	153,6 mm.	Dezembro . . . . .	19,0 mm.
	<hr/>		<hr/>
	718,6 mm.		135,0 mm.

— 1931 —

Janeiro . . . . .	22,0 mm.
Fevereiro . . . . .	45,6 mm.
Março . . . . .	38,0 mm.
Abril . . . . .	0 mm.
Maió . . . . .	16,3 mm.
Junho . . . . .	1,5 mm.
Julho . . . . .	7,3 mm.
Agosto . . . . .	0 mm.
Setembro . . . . .	0 mm.
Outubro . . . . .	109,0 mm.
Novembro . . . . .	30,0 mm.
Dezembro . . . . .	0 mm.
	<hr/>
	269,7 mm.

— 1933 —

Janeiro . . . . .	0 mm.
Fevereiro . . . . .	0 mm.
Março . . . . .	77,0 mm.
Abril . . . . .	69,5 mm.
Maió . . . . .	4,5 mm.
Junho . . . . .	43,0 mm.
Julho . . . . .	0 mm.
Agosto . . . . .	0 mm.
Setembro . . . . .	0 mm.
Outubro . . . . .	0 mm.
Novembro . . . . .	29,0 mm.
Dezembro . . . . .	130,2 mm.
	<hr/>
	353,2 mm.

— 1932 —

Janeiro . . . . .	26,5 mm.
Fevereiro . . . . .	30,0 mm.
Março . . . . .	21,0 mm.
Abril . . . . .	0 mm.
Maió . . . . .	0 mm.
Junho . . . . .	0 mm.
Julho . . . . .	12,0 mm.
Agosto . . . . .	0 mm.
Setembro . . . . .	0 mm.
Outubro . . . . .	0 mm.
Novembro . . . . .	0 mm.
Dezembro . . . . .	0 mm.
	<hr/>
	89,5 mm.

— 1934 —

Janeiro . . . . .	5,0 mm.
Fevereiro . . . . .	121,4 mm.
Março . . . . .	166,8 mm.
Abril . . . . .	25,5 mm.
Maió . . . . .	0 mm.
Junho . . . . .	42,5 mm.
Julho . . . . .	0 mm.
Agosto . . . . .	0 mm.
Setembro . . . . .	0 mm.
Outubro . . . . .	11,0 mm.
Novembro . . . . .	17,0 mm.
Dezembro . . . . .	36,0 mm.
	<hr/>
	425,2 mm.

— 1935 —

Janeiro . . . . .	189,0 mm.
Fevereiro . . . . .	228,0 mm.
Março . . . . .	89,0 mm.
Abril . . . . .	106,5 mm.
Maió . . . . .	110,0 mm.
Junho . . . . .	7,0 mm.
Julho . . . . .	0 mm.
Agosto . . . . .	0 mm.
Setembro . . . . .	0 mm.
Outubro . . . . .	0 mm.
Novembro . . . . .	0 mm.
Dezembro . . . . .	101,0 mm.
	<hr/>
	830,5 mm.

— 1937 —

Janeiro . . . . .	85,5 mm.
Fevereiro . . . . .	36,5 mm.
Março . . . . .	139,0 mm.
Abril . . . . .	137,0 mm.
Maió . . . . .	66,0 mm.
Junho . . . . .	11,1 mm.
Julho . . . . .	6,1 mm.
Agosto . . . . .	8,2 mm.
Setembro . . . . .	0 mm.
Outubro . . . . .	3,5 mm.
Novembro . . . . .	0 mm.
Dezembro . . . . .	1,0 mm.
	<hr/>
	493,9 mm.

— 1939 —

Janeiro . . . . .	24,0 mm.
Fevereiro . . . . .	10,0 mm.
Março . . . . .	0 mm.
Abril . . . . .	21,0 mm.
Maió . . . . .	8,0 mm.
Junho . . . . .	6,0 mm.
Julho . . . . .	8,0 mm.
Agosto . . . . .	0 mm.

— 1936 —

Janeiro . . . . .	20,0 mm.
Fevereiro . . . . .	125,0 mm.
Março . . . . .	4,0 mm.
Abril . . . . .	74,0 mm.
Maió . . . . .	0 mm.
Junho . . . . .	23,0 mm.
Julho . . . . .	9,2 mm.
Agosto . . . . .	8,0 mm.
Setembro . . . . .	0 mm.
Outubro . . . . .	9,0 mm.
Novembro . . . . .	28,0 mm.
Dezembro . . . . .	0 mm.
	<hr/>
	300,2 mm.

— 1938 —

Janeiro . . . . .	14,0 mm.
Fevereiro . . . . .	41,0 mm.
Março . . . . .	111,0 mm.
Abril . . . . .	105,0 mm.
Maió . . . . .	13,5 mm.
Junho . . . . .	0 mm.
Julho . . . . .	0 mm.
Agosto . . . . .	2,0 mm.
Setembro . . . . .	1,0 mm.
Outubro . . . . .	0 mm.
Novembro . . . . .	0 mm.
Dezembro . . . . .	7,0 mm.
	<hr/>
	294,5 mm.

— 1940 —

Janeiro . . . . .	119,5 mm.
Fevereiro . . . . .	17,0 mm.
Março . . . . .	134,0 mm.
Abril . . . . .	5,5 mm.
Maió . . . . .	6,3 mm.
Junho . . . . .	0 mm.
Julho . . . . .	11,0 mm.
Agosto . . . . .	0 mm.

Setembro . . . .	0 mm.	Setembro . . . .	0 mm.
Outubro . . . .	—	Outubro . . . .	0 mm.
Novembro . . . .	—	Novembro . . . .	27,0 mm.
Dezembro . . . .	14,0 mm.	Dezembro . . . .	36,0 mm.
	<hr/>		<hr/>
	255,7 mm.		356,3 mm.

— 1941 —

— 1942 —

Janeiro . . . .	159,5 mm.	Janeiro . . . .	24,0 mm.
Fevereiro . . . .	30,5 mm.	Fevereiro . . . .	0 mm.
Março . . . .	343,5 mm.	Março . . . .	5,0 mm.
Abril . . . .	—	Abril . . . .	30,0 mm.
Maio . . . .	—	Maio . . . .	0 mm.
Junho . . . .	—	Junho . . . .	15,0 mm.
Julho . . . .	—	Julho . . . .	0 mm.
Agosto . . . .	—	Agosto . . . .	7,3 mm.
Setembro . . . .	—	Setembro . . . .	0 mm.
Outubro . . . .	—	Outubro . . . .	48,0 mm.
Novembro . . . .	—	Novembro . . . .	2,0 mm.
Dezembro . . . .	—	Dezembro . . . .	50,0 mm.
	<hr/>		<hr/>
	533,5 mm.		181,3 mm.

— 1943 —

— 1944 —

Janeiro . . . .	14,5 mm.	Janeiro . . . .	30,3 mm.
Fevereiro . . . .	3,2 mm.	Fevereiro . . . .	13,0 mm.
Março . . . .	51,6 mm.	Março . . . .	67,5 mm.
Abril . . . .	83,5 mm.	Abril . . . .	142,0 mm.
Maio . . . .	10,0 mm.	Maio . . . .	22,0 mm.
Junho . . . .	0 mm.	Junho . . . .	0 mm.
Julho . . . .	17,5 mm.	Julho . . . .	3,0 mm.
Agosto . . . .	0 mm.	Agosto . . . .	7,0 mm.
Setembro . . . .	0 mm.	Setembro . . . .	8,0 mm.
Outubro . . . .	0 mm.	Outubro . . . .	0 mm.
Novembro . . . .	0 mm.	Novembro . . . .	75,8 mm.
Dezembro . . . .	16,0 mm.	Dezembro . . . .	51,0 mm.
	<hr/>		<hr/>
	196,3 mm.		419,6 mm.

— 1945 —

— 1946 —

Janeiro . . . .	17,0 mm.	Janeiro . . . .	64,5 mm.
Fevereiro . . . .	28,5 mm.	Fevereiro . . . .	64,5 mm.
Março . . . .	9,0 mm.	Março . . . .	12,5 mm.
Abril . . . .	92,0 mm.	Abril . . . .	15,5 mm.

Maio . . . .	57,2 mm.	Maio . . . .	0 mm.
Junho . . . .	5,0 mm.	Junho . . . .	1,0 mm.
Julho . . . .	32,0 mm.	Julho . . . .	5,0 mm.
Agosto . . . .	0 mm.	Agosto . . . .	0 mm.
Setembro . . . .	8,0 mm.	Setembro . . . .	7,3 mm.
Outubro . . . .	31,0 mm.	Outubro . . . .	0 mm.
Novembro . . . .	25,0 mm.	Novembro . . . .	—
Dezembro . . . .	41,5 mm.	Dezembro . . . .	—
	<hr/>		<hr/>
	346,2 mm.		

É o Sertão, com o até hoje inexplicado fenômeno das secas e consequentes misérias, trazendo até às suas margens o corpo semi-nú de suas terras. Quem, pela primeira vez, visita aquela região, choca-se ao contemplar o rio caudaloso contrastando com o solo sêco, poucos metros adiante.

É a caatinga imensa, em cujo seio o magestoso São Francisco, visto do alto das serras, transforma-se em apenas estreita fita prateada.

São os diversos trechos encachoeirados constituindo um perigo permanente a q uantos ali navegam. Assim temos: a Cachoeira da Joanhina no município de Petrolina; a do Genipapo, do Vieira, da Cupira, da Alegria e do Nhanhum no de Caripós. A da Lagartixa, do Pripiri, da Ilha Redonda, da Cruz, de São Francisco, do Fernando, do Cajueiro, dos Moleques, do Carcará com a “panela” do Pambusinho onde em 1926, o navio “Antônio Olinto” voltando de Jatimã, então Belém, onde fora levar reforços para combater os revoltosos, afundou, ao pé da “panela” tentando subir o “portão”, e a do Boi em Cabrobó; a do Mocó, do Cachauí, a Quebra Canôa, a Quebra Linha, do Barro, a de Belém, do Fervedor, do Canta-Galo, da Carapuça, do Dourado, do Boi Velho, de Manuel Barbosa, do Tapa-Olho, dos Espinhos e do Vau no município de Jatimã, a de Tacutiara, de São Pedro Dias e Itaparica em Petrolândia. Não são realmente cachoeiras com quedas bruscas de nível. São em sua maioria corredeiras. Necessário se faz um conhecimento perfeito dos “caminhos” por entre tão grande número de pedras.

É enfim, o homem de costumes primitivos, com traços e hábitos recebidos dos seus antepassados negros e indígenas, residindo em insalubres casebres de taipa que muitas vezes têm, como abertura para arejamento e iluminação, apenas a porta de entrada. O homem que, alimentando-se mal e desconhecendo os mais elementares princípios de higiene, está sujeito à tuberculose, ao tétano, principalmente sob a forma

do "mal de sete dias" ou seja tétano umbelical dos recém-nascidos", e a diversas endemias, como o impaludismo, a desintéria amebiana, vulgarmente conhecida ali como "colerina", o paratifo, etc. O impaludismo apresenta-se na época da vazante do rio e mais ainda nos anos chuvosos, pois êsses dois fatores determinam a formação de pântanos de água estagnada, que constituem o ambiente ótimo para o desenvolvimento do Anófeles.

Nêsse trêcho, mais que em qualquer outro, predominam as ilhas.

Conquanto difiram das Ilhas comumente conhecidas, têm, quasi tôdas, uma impressionante semelhança: arenosas, de cor amarelo queimado, apresentando uma porção limo-argilosa nos horizontes mais profundos; com o característico interessante de serem mais elevadas nas margens que no interior; ligeiramente onduladas e com a vegetação xerófila comum à região.

São ilhas de aluvião, que assentam sobre uma rocha gneissica predominante. Em muitas delas, essa rocha aflora isolada ou associada a quartzitos, calcáreos, etc. Há um acúmulo de limo nos lugares mais baixos, a que dão o nome de "lagôas".

Análises realizadas, pela Secção de Sólidos do I.P.A., em amostras colhidas na Ilha do Estreito, apresentaram os seguintes resultados:

#### ESTADO DE PERNAMBUCO

SECRETARIA DE AGRICULTURA, INDÚSTRIA  
E COMÉRCIO

INSTITUTO DE PESQUISAS AGRONÔMICAS

SECÇÃO DE SOLOS

BOLETIM DE ANÁLISE

N.º — 129

Recife, 18-7-1946

N.º da amostra — 7974

Material — Terra 1313 — a (Ref. 1)

Procedência — Estação Exp. de Jatinã — Município de Jatinã

Colhida por —

Enviada por — Dr. Dárdano de A. Lima.

#### RESULTADOS E OBSERVAÇÕES

##### Separação mecânica:

> 2 mm	0,000
2 mm — 1 mm	0,000
1 mm — 0,05	78,040
0,05 — 0,005	15,740
0,005 — 0,002	1,620
0,002 —	4,600
	<hr/>
	100,000

##### Classificação: — Areia

##### Determinações:

pH. (internacional)	7,500
Umidade %	0,385
Capacidade hidrica	9,958
Higroscopicidade	0,562
Nitrogenio total (emN) %	0,028
Carbono total (em C) %	0,192
Matéria orgânica	0,330
Relação C/N	0,140
Peso específico real	2,634

##### Elementos solúveis no HCl à 20% em grs. %

Cálcio (em CaO)	0,1928
Fósforo (em P <sub>2</sub> O <sub>5</sub> )	0,0180
Potássio (em K <sub>2</sub> O)	0,0680

##### Complexo sortivo (ME por 100 grs. solo)

Hidrogenio permutável (H)	0,177
Bases permutáveis (S)	3,000
Capacidade de adsorção (T)	3,177
Índice de saturação (V)	94,420

a) João Costa Lima  
AGRÔNOMO PADRÃO "L"

a) Adauto da Silva Teixeira  
QUÍMICO PADRÃO "N"

VISTO,

a) Mário Bezerra de Carvalho  
DIRETOR

## ESTADO DE PERNAMBUCO

SECRETARIA DE AGRICULTURA, INDÚSTRIA  
E COMÉRCIO

INSTITUTO DES PESQUISAS AGRONÔMICA

## SECCÃO DE SOLOS

## BOLETIM DE ANALISE

N.º — 130

Recife, 18 de Julho de 1946

N.º da amostra — 7975

Material — Terra (1313 b-1) Ref. 2.

Procedência — Estação Exp. de Jatinã — Município de  
Jatinã

Colhida por —

Enviada por — Dr. Dárdano de A. Lima.

## RESULTADOS E OBSERVAÇÕES

## Separação mecânica:

> 2 mm	0,000
2 mm — 1 mm	0,000
1,mm — 0,05	70,040
0,05 — 0,005	19,740
0,005 — 0,002	0,600
0,002 —	9,620
	<hr/>
	100,000

## Determinações:

pH. (internacional)	7,400
Umidade %	0,480
Capacidade hidrica	9,687
Higroscopicidade	0,705
Nitrogenio total (em N) %	0,041
Carbono total (em C) %	0,091
Matéria orgânica	0,157
Peso especifico real	2,564
Relação C/N	0,450

## Elementos soluveis no HCl à 20% em grs.%

Cálcio em CaO	0,2143
Fósforo (em P <sub>2</sub> O <sub>5</sub> )	0,0302
Potassio (em K <sub>2</sub> O)	0,0850

## Complexo sortivo. (ME) por 100grs. solo)

Hidrogenio permutável (H)	0,176
Bases permutáveis (S)	1,200
Capacidade de adsorção (T)	1,376
Índice de saturação (V)	87,209

a) João Costa Lima  
AGRONOMO PADRÃO "L"a) Adauto da Silva Teixeira  
QUÍMICO PADRÃO "N"

VISTO,

a) Mário Bezerra de Carvalho  
DIRETOR

## ESTADO DE PERNAMBUCO

SECRETARIA DE AGRICULTURA, INDÚSTRIA  
E COMÉRCIO

INSTITUTO DE PESQUISAS AGRONÔMICAS

## SECCÃO DE SOLOS

## BOLETIM DE ANALISE

N.º — 131

Recife, 18 de Julho de 1946

N.º da amostra — 7976

Material — Terra 1313 b-2 (Ref. 3)

Procedência — Estação Exp. de Jatinã — Município de  
Jatinã

Colhida por —

Enviada por — Dr. Dárdano de A. Lima.

## RESULTADOS E OBSERVAÇÕES

*Separação mecânica:*

> 2 mm	0,000
2 mm — 1 mm	0,000
1 mm — 0,05	75,840
0,05 — 0,005	11,080
0,005 — 0,002	1,600
0,002 —	11,480
	<hr/>
	100,000

*Determinações.*

pH. (internacional)	7,200
Umidade %	0,800
Capacidade hidrica	9,537
Higroscopicidade	1,874
Peso esp. real	2,645
Nitrogenio total (em N) %	0,027
Carbono total (em C)	0,088
Matéria orgânica	0,152
Relação C/N	0,306

*Elementos solúveis no HCl a 20% em grs. %*

Cálcio (em CaO)	0,1501
Fósforo (em P <sub>2</sub> O <sub>6</sub> )	0,0310
Potássio (em K <sub>2</sub> O)	0,1768

*Complexo sortivo (ME por 100 grs. solo)*

Hidrogenio permutável (H)	0,176
Bases permutáveis (S)	1,900
Capacidade de adsorção (T)	2,076
Índice de saturação (V)	91,522

a) João Costa Lima  
AGRONOMO PADRÃO "L"

a) Adauto da Silva Teixeira  
QUÍMICO PADRÃO "N"

VISTO,

a) Mário Bezerra de Carvalho  
DIRETOR

## ESTADO DE PERNAMBUCO

SECRETARIA DE AGRICULTURA, INDÚSTRIA  
E COMÉRCIO

INSTITUTO DE PESQUISAS AGRONÔMICAS

SECÇÃO DE SOLOS

BOLETIM DE ANÁLISE

N.º — 135

Recife, 18 de Julho de 1946

N.º da amostra — 7977

Material — Terra (1314) (Ref. 4)  
Procedência — Estação Exp. de Jatimã — Município de  
Jatimã  
Colhida por —  
Enviada por — Dr. Dárdano de A. Lima.

## RESULTADOS E OBSERVAÇÕES

*Separação mecânica:*

> 2 mm	0,000
2 mm — 1 mm	0,000
1 mm — 0,05	32,040
0,05 — 0,005	33,360
0,005 — 0,002	5,000
0,002 —	29,600
	<hr/>
	100,000

Classificação: — Barro

*Determinações:*

pH. (internacional)	5,500
Umidade %	3,065
Capacidade hidrica	10,921
Higroscopicidade	3,789
Peso específico real	2,620
Nitrogenio total (em N) %	0,077
Carbono total (em C) %	0,242
Matéria orgânica	0,417
Relação C/N	0,318

*Elementos solúveis no HCl a 20% em grs. %*

Cálcio (em CaO) .. . . . . .	0,2292
Fósforo (em P <sub>2</sub> O <sub>5</sub> ) .. . . . . .	0,1610
Potássio (em K <sub>2</sub> O) .. . . . . .	0,3440

*Complexo sortivo (ME por 100 grs. solo)*

Hidrogênio permutável (H) .. . . .	1,122
Bases permutáveis (S) .. . . . . .	9,700
Capacidade de adsorção (T) .. . . .	10,822
Índice de saturação (V) .. . . . . .	89,632

a) João Costa Lima  
AGRÔNOMO PADRÃO "L"

a) Adauto da Silva Teixeira  
QUÍMICO PADRÃO "N"

VISTO,

a) Mário Bezerra de Carvalho  
DIRETOR

ESTADO DE PERNAMBUCO

SECRETARIA DE AGRICULTURA, INDÚSTRIA  
E COMÉRCIO

INSTITUTO DE PESQUISAS AGRONÔMICAS

SECÇÃO DE SOLOS

BOLETIM DE ANÁLISE

N.º — 136

Recife, 18 de Julho de 1946

N.º da amostra — 7978  
Material — Terra (1315) — (Ref. 5)  
Procedência — Estação Exp. de Jatinã — Município de  
Jatinã  
Colhida por —  
Enviada por — Dr. Dárdano de A. Lima.

## RESULTADOS E OBSERVAÇÕES

*Separação mecânica:*

> 2 mm .. . . . . .	0,000
2 mm — 1 mm .. . . . . .	0,250
1 mm — 0,05 .. . . . . .	61,885
0,05 — 0,005 .. . . . . .	16,319
0,005 — 0,002 .. . . . . .	3,990
0,002 — .. . . . . .	17,556
	<hr/>
	100,000

Classificação: — Areia Barrenta

*Determinações:*

pH. (internacional) .. . . . . .	6,400
Umidade % .. . . . . .	2,885
Capacidade hídrica .. . . . . .	10,998
Higroscopicidade .. . . . . .	2,860
Peso esp. real .. . . . . .	2,689
Nitrogênio total (em N) % .. . . .	0,053
Carbono total (em C) .. . . . . .	0,232
Matéria orgânica .. . . . . .	0,399
Relação C/N .. . . . . .	0,228

*Elementos solúveis no HCl a 20% em grs. %*

Cálcio (em CaO) .. . . . . .	0,1091
Fósforo (em P <sub>2</sub> O <sub>5</sub> ) .. . . . . .	0,0200
Potássio (em K <sub>2</sub> O) .. . . . . .	0,1491

*Complexo sortivo (ME por 100 grs. solo)*

Hidrogênio permutável (H) .. . . .	1,523
Bases permutáveis (S) .. . . . . .	6,400
Capacidade de adsorção (T) .. . . .	7,923
Índice de saturação (V) .. . . . . .	80,777

a) João Costa Lima  
AGRÔNOMO PADRÃO "L"

a) Adauto da Silva Teixeira  
QUÍMICO PADRÃO "N"

VISTO,

a) Mário Bezerra de Carvalho  
DIRETOR

Procurando investigar, quer pela observação direta, quer pela informação de diversos, os fenômenos que deram origem às ilhas, que tão bem caracterizam esse trecho do São Francisco, chegámos a duas hipóteses. Ambas com possibilidades de confirmação, porém carecendo de estudos mais cuidadosos e demorados.

1.º) No trecho do São Francisco de que ora nos ocupamos, a rocha gneissica sobre que corre o rio, está a uma pequena profundidade média. Não podendo, pois, cavar na vertical, o único caminho a seguir era abrir passagem pelos lados, procurando as faixas de terreno naturalmente mais baixas. As grandes cheias iniciavam o carreamento das areias desses "baixios" e com o correr dos anos o caminho estaria aberto, até mesmo para as cheias normais. Confirmando essa hipótese, apresentamos o testemunho da tradição oral que diz já ter, a grande ilha de Assunção em frente a sede do Município de Cabrobó, sido "terra firme". Uma Igreja e diversas habitações que ali existiam, foram derrubadas pelo rio. Ainda citam como originadas pela mesma forma a do Currálinho, 1 Km. acima de Jatinã e a de Surubabel 1 1/2 Km. abaixo da Vila de Itacuruba, no mesmo município.

O trabalho de escavação feito pelo rio não parou ao isolar essas ilhas, da "terra firme". Ainda continúa; não só nas ilhas como mesmo nas margens, pernambucana e baiana. Fomos informados de que, pouco, abaixo de onde hoje está colocado o conjunto motor bomba da E.E. de Jatinã, existia, não faz muito anos, um ilhote de grandes proporções, com casa, plantações, etc. e do qual hoje não há nenhum vestígio. Em frente ao Cabrobó velho, que foi totalmente demolido pelo rio na cheia de 1919, ficando apenas de pé a Igreja avariada, vêem-se marizeiros que naquela época ficavam nos quintais das casas e que hoje, já apresentam suas raízes na barranca do rio, que já chegou até ali. Diversos exemplos poderiam ainda ser citados.

Do que ficou exposto, deduz-se que o rio está se alargando, aumentando a área de seu leito. Permanecendo constante o volume, pois não julgamos muito provável que as condições do meio permitam um aumento de volume, a consequência imediata é a diminuição da profundidade, o que, se assim for, irá trazer sérios prejuízos, principalmente à navegação. Seriam pois essas ilhas a que nos referimos, originadas por destruição.

A 2.ª hipótese aplica-se principalmente aos ilhotes e necessita de algumas condições especiais.

Até alguns metros a juzante das inúmeras pedras que se encontram por todo esse trecho do São Francisco, as águas formam um "remanso" onde não há correnteza e mesmo, algumas vezes, "correm para cima". No caso de, na cheia, ficar alguma vegetação flutuante "embalseirada" em alguma daquelas pedras, o fato ainda mais se acentua naquele trecho. A areia que vem em suspensão nas águas, vai se depositando no "remanso", até que algum dia chegue a um nível superior ao das águas. Nessas condições o homem, pode intervir para lhes aumentar a superfície, plantando vegetação apropriada, que facilita o acúmulo de areia. São estas ilhas, de construção.

Para explicar o fato da maior elevação nos bordos, apresentamos a seguinte hipótese; anualmente o rio em sua enchente carrega grande quantidade de areia que, na vasante, se deposita, formando bancos. Os ventos mais comuns à região, variando de Nordeste a Sudeste, transportam esses bancos para o alto. A vegetação, no entanto, impede que toda essa areia continue sua marcha para o interior da Ilha, permanecendo uma maior parte próxima às margens.

Para se ter uma idéia do que representam essas ilhas e ilhotes, sabendo-se que a Ilha do Estreito, podendo ser considerada de tamanho médio, tem 180 Ha, faremos, agora um apanhado aproximado do seu número. Antes porém, precisamos estabelecer o conceito que diferencia ilha de ilhota. Todas aquelas que têm um comprimento menor que 500 metros são consideradas ilhotas ou ilhotes. As que têm mais de 500 metros são denominadas ilhas.

Assim temos, em Petrolina: as ilhas do Combate ou do Fogo, da Guiné, e do Jazobá e os ilhotes do Ingá, do Serrotinho, da Cachoeira, do Forandú, da Gequitaia, do Forte, da Cerca, da Gangorra, do Carneiro, da Tapa, do Raimundo, do Taquary, do Pedrão e da Garça (3 ilhas e 14 ilhotes).

Em Coripós: oitenta ilhas e duzentos ilhotes. Ainda não conseguimos seus nomes detalhados.

Em Cabrobó: Não nos foi possível obter o número exato de ilhas nesse município. Uma estimativa aproximada da Prefeitura daí dá 50 ilhas e 250 ilhotes.

Em Jatinã temos as ilhas do Angico, da Aranha, da Aroeira, dos Aloques, do Arapaçazinho, do Baixio, de Baixo, da Barra, da Boa-Vista (de cima), da Boa-Vista (de baixo), Bonita (de cima), Bonita (de baixo), dos Brandões, Barra e Pinto, do Bento, da Besta Morta, do Canal (de cima), do Canal (de baixo) dos Cavalos, do Caroá, do Cavalête da

Cachoeira (de cima), da Cachoeira (de baixo), dos Cabaços, das Cabras (de cima), das Cabras (de baixo), das Caraibeiras, da Cobra, do Cambabigá, da Carapuça, da Canguçu, da Canabrava, de Casa do Caxuxí (de cima), do Caxauí (de baixo), do Caxauí (da missão), Caxauí (dos Martins), da Catarina, do Cajueiro, do Camelião, do Coité, do Coité (de Abaré), do Chico, do Currálinho, do Currálinho baiano, do Cupim, da Corôa, do Correio, da Canabrinha ou do Jatinã, do Espinhaço do mundo, do Estreito, do Estandarte, de Fóra (de cima), de Fóra (de baixo), da Formiga, das Flores, do Geraldo, da Gequitiaia, Grande, das Garças (de baixo), das Garças (dos Martins), Ilhasinha, Inveja, do Inga, da Ingaseira (de fóra), da Ingaseira (de dentro), da Jatubarana, do Jatinã, do Jatobá (de cima), do Jatobá (de baixo), do Jaçurutú, do Mamoeiro, de Martins Cachorro, do Moleque Duro, das Missões, do Meio, do Mixauim, do Oití, das Panelas, da Patarata, da Porta (de cima), da Porta (de baixo), das Pedrinhas, da Quixabeira, Redonda (de cima), Redonda (de baixo), do Rancho, do Sabonete, do Serrote, do Serrotinho, do Serrotinho dos Brandões, de Terra, do Tucuzinho, do Tucum Grande do Tamanduá da Várzea, da Várzea do Sul, dos Vaqueiros e de Zé Francisco (101 Ilhas).

Ilhotes n.ºs: 1 a 6 — 8-9-11 a 59-73-82 a 497 — 501 a 570 — 572 — 576 — 577 — 580 — 581 — 589 — 594 e 599 — 4 ilhotes de n.ºs 0000 e 14 ilhotes s/n.

Diversas ilhas pertencentes à Irmandade de N. S. do Ó na vila de Itacuruba, com 424 arrendatários.

Nos municípios de Floresta e Petrolândia não ha ilhas ou ilhotes a considerarmos.

Pelo que dissemos fica bem clara a enorme importância que essas Ilhas poderão vir a ter, quando algum dia for resolvido o seu problema.

Para concluir esta 1.<sup>a</sup> parte, faremos um ligeiro comentário sobre os habitantes das ilhas, seu modo de vida etc.

Devido à própria natureza, as ilhas do São Francisco são habitadas de preferência nas margens, pois ali se torna mais fácil a coleta da água, está mais perto das roças, do porto e é mais fresco. O interior da ilha é seco e quente.

Um fato interessante deve ser notado. É que, ao contrário do que sempre se diz e afirma sobre o tipo étnico que habita o sertão nordestino, a grande maioria e em alguns casos, a totalidade dos habitantes das ilhas é constituída de negros. Quando não o negro puro, pois este já é muito raro em nosso país, pelo menos os produtos do negro com índio.

As causas que determinaram essa predominância, não são muito claras. Talvez a vida mais fácil, talvez por terem encontrado nas ilhas um refúgio.

Tôdas essas ilhas pertencem a Pernambuco e são destribuidas, como já nos referimos anteriormente, pelos municípios que lhes são correspondentes.

As prefeituras arrendam total ou parcialmente, cobrando o arrendamento, na base do comprimento da margem.

Na sua maioria, os arrendatários não vão cultivar a ilha. Entregam a moradores, que são ali denominados "Meieiros", permanecendo nas cidades cuidando de interesses outros, quando não ficam a discutir política ou "falar da vida alheia" pelas esquinas e casas comerciais.

O "meieiro" planta as "Vasantes" com sementes suas, dá as limpas necessárias, colhe no tempo oportuno e metade do produto leva para o "dono da terra" que geralmente nenhuma assistência lhe presta.

As culturas mais comuns são: batata doce, a mandioca, a cana, algodão mocó, o feijão macassar, o "feijão de arranca" ou mulatinho, melancia, abobora ou gerimum, o milho, etc.

Está tomando algum vulto ultimamente, o plantio de cebola, sendo o seu maior produtor o município de Cabrobó.

Essas culturas que são feitas nas vasantes não são indistintamente distribuidas.

Assim, os ilheus plantam primeiro, no início da vasante do rio, a cana, em continuação, a mandioca e por fim, já na parte mais baixa a batata doce. Vemos que obedecem à ordem decrescente da duração do ciclo evolutivo das culturas. Na parte mais alta da ilha, onde não vai o rio, plantam o algodão mocó. Este resiste mais aos rigores das secas.

O feijão macassar, o feijão "de arranca", a cebola, o gerimum e a melancia são plantados de permeio com as culturas da vasante.

Nas lagoas e vasantes mais largas e ricas em limo, o arroz, e nos altos a mamona.

O rio anualmente fertilisa as vasantes favorecendo dessa forma aos meieiros.

Alguns anos porém, ele deixa de ser o amigo dadivoso, transformando-se no "desherda família", com suas cheias enormes e prolongadas, que exterminam as roças já plantadas e não dão tempo suficiente para plantar as do ano seguinte.

Fato curioso, que diversas vezes, têm essas grandes cheias coincido com as secas mais rigorosas.

Além das roças têm os ilheus como fonte de renda a pesca, a caça, a criação de caprinos etc.

De pesca os melhores produtos são: O surubim (*Pseudoptoslysma corrusceans*, Agassis, o pirá (*Conorhyncus conirostris*), o dourado (*Salminus maxillosus*, Cuv.), a curimatá (*Prochilodus hartii*, Steind.), o pacú, (*Myletes* sp.), o mandim ou mandy (*Pimelodus* sp.) etc. (1) Da caça, a capivara, de que aproveitam a carne e a pele, o teú ou tejú cujo couro dá bom preço, o pato etc.

O quadro abaixo, organizado em Dezembro de 1944, na ilha do Estreito, dará uma idéia do tipo de família e número de habitantes das ilhas.

N.º	Nomes	Maiores	Menores	N.º pessoas da família
		Filhos		
1	Antônio Manuel da Silva . . . .	3	2	7
2	Vitor Manuel da Silva . . . . .	3	1	6
3	Saturnino José dos Santos . . . .	3	2	7
4	Emídio Lopes da Silva . . . . .	—	3	5
5	José Joaquim Bola . . . . .	2	1	5
6	Cândido Caitano dos Santos . . . .	4	1	7
7	Carolina Maria da Conceição . . . .	3	1	5
8	Maria Madalena da Conceição . . . .	4	—	5
9	José Dias do Nascimento . . . . .	2	1	5
10	Augusto Rodrigues Fontes . . . . .	—	3	5
11	Abílio Antônio da Silva . . . . .	2	1	5
12	Luciano Madero dos Santos . . . . .	—	3	5
13	Enéas Madero dos Santos . . . . .	5	5	12
14	Pedro José Ribeiro . . . . .	—	3	5
15	Avelino Lopes dos Santos . . . . .	4	—	5
16	Maria das Dores da Conceição . . . .	1	2	4
17	Juvêncio Machi dos Santos . . . . .	3	3	8
18	Jezuina Maria da Conceição . . . . .	1	1	3
19	Maria Josefa da Conceição . . . . .	6	—	7
20	Manuel Izidio . . . . .	—	1	3
21	Catarina Esmeralda da Conceição . . . . .	—	3	4
22	Antônio Dias . . . . .	1	—	3
TOTAL . . . . .				121

É esse o aspecto geral das ilhas do São Francisco.

## 2.ª parte

## A FLORA DA ILHA DO ESTREITO

A ilha do Estreito, não foge ao tipo geral, que acabámos de esboçar.

Sendo parte integrante da vasta caatinga do nordeste brasileiro só poderíamos esperar que sua vegetação se apresentasse semelhante à do restante sertão do São Francisco.

Dispõe, assim, de um variado material botânico, que se distribue pelas margens ou vasantes e pelos altos, do qual iremos agora tratar.

Obedeceremos à ordem alfabética dos nomes vulgares na região.

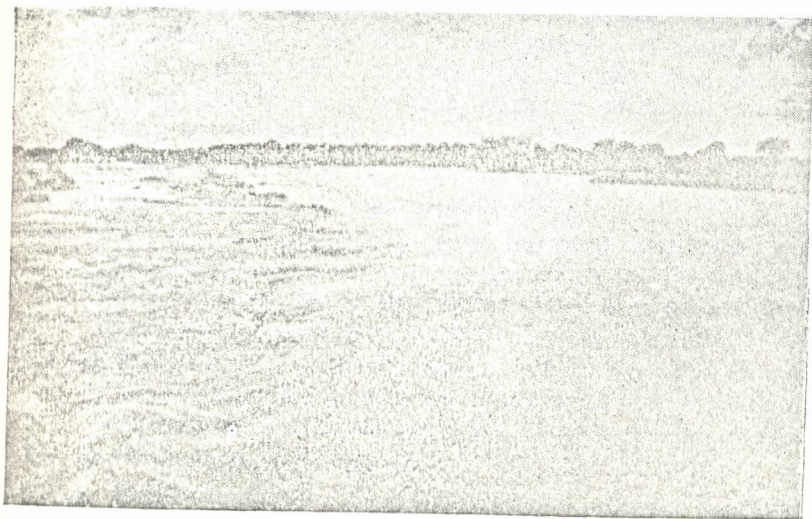
- 1 — Algodão de sêda ou paina.: — *Asclepiadaceae*. — Seus pelos seminiais de aparência sedosa, são empregados para o enchimento de colêtes salva-vidas, etc., pois gordurosos como são, dificilmente se molham. Uzados também na confecção de colchões, travesseiros, etc. Suas sementes servem como alimento para galinhas. Sua madeira é lenha não muito boa.
- 2 — Amendoim brabo — *Leguminosae*. — Boa forragem para o gado.
- 3 — Angico. — *Leguminosae*. — Boa maneira para construção e trabalhos diversos. Suacasca contendo boa porcentagem de tanino é empregada em cortumes. As folhas do angico são muito procuradas pelo gado. Há, entretanto, um fato curioso. As folhas das primeiras chuvas quando cortadas e deixadas emurchecer, são veneno para o gado que as comer. Porém, si já forem folhas velhas, do fim do inverno, poderão ser comidas em qualquer situação, sem perigo de morte. As sementes são procuradas pelos caprinos e mesmo pelos bovinos. O "lambedô" da casca, serve para cortar tosse. O Angico produz ainda uma resina que além de servir como cola é apreciada pelas crianças para chupar. É uma árvore indicada para reflorestamento, não só pelo seu rápido desenvolvimento, como pelo seu alto teor em calorias.
- 4 — Andú ou guandú. — *Leguminosae*. — Suas sementes podem substituir o feijão, porém com grande desvantagem. Suas folhas são uzadas no tratamen-

to de resfriados, como se segue: põe-se algumas fôlhas em vasilha com água e leva-se ao fogo. Depois de ferver bastante deixa-se esfriar, passando uma noite ao sereno. No dia seguinte bem cêdo, banha-se a cabeça e bebe-se 3 goles. O gado e caprinos comem suas fôlhas.

- 5 — Anil. — Leguminosae. — Em caso de necessidade, serve para alimento de caprinos e bovinos.
- 6 — Araçá brabo. — Myrtáceae. — Arbusto que cresce entre as pedras do rio. Tem como característico interessante, sua notável resistência à submersão. Todos os anos passa os 4 a 6 meses de cheia sob as águas barrentas do rio. Quando êste começa a baixar, seus galhos nús vão surgindo, para estarem dentro de poucos dias cobertos de nova folhagem.
- 7 — Arranca estrepe ou saca estrepe. — Turneráceae. — Conhecido na zona da mata por "chanana". Suas rai-ses são uzadas no preparo de chás para tosses. As fôlhas pisadas com sal de cosinha, são aplicadas sôbre algum espinho que penetre pela pele, para tirá-lo. Espinho tem naquela zona o sinônimo de "estrepe".
- 8 — Brauna ou barauna. — Anacadiaceae. — De Ubi-rauna: — imirauna == madeira preta. (2) Boa ma-deira para construção e trabalhos pesados. De 3 olhos novos, juntos a "barata de teú", faz-se um chá para cortar resfriados. A resina da brauna serve para "brear" canôas. O gado come suas fôlhas novas.
- 9 — Bredo de espinho. — Amarantáceae.
- 10 — Bredo de porco ou beldroega. — Portulacáceae-Óti-ma forragem para caprinos, suinos e bovinos.
- 11 — Bugí, passa-pra-lá ou rabo de rapousa. — Cactá-ceae. — Tirando-se os espinhos e casca, prepara-se com água, um banho para os cabelos. Utilizados para cercas vivas.
- 12 — Caatingueira ou catinga de porco. — Leguminosae. Boa lenha. As fôlhas novas são boa ração para bovinos e caprinos. O "entrecasco" raspado, com go-ma, açúcar e água, serve de "refresco" nas infecções intestinais. Misturado com leite humano é apli-cado em pancadas nos olhos. O gado que come seus legumes maduros, morre por perfuração do apare-lho digestivo, principalmençe a pança. Deve se isso ao mesocarpio, que tem consistência córnea.



Craibeira em flôr



Uma corredeira

- 13 — Calumbí. — Leguminosae. — É plantado às margens do rio, principalmente nas “cabeças das ilhas”, afim de resistir à impetuosidade das águas e facilitar o acúmulo de areia, aumentando ou criando novas ilhas. Dotado de agudos acúleos é, por ironia, alcunhado “malva de barqueiro”.
- 14 — Cambará ou camará. — Verbenáceae. — De cá-â-mbará= a planta variegada. (2) O chá das flores é indicado no tratamento das tosses.
- 15 — Cana fistula — Leguminosae. Árvore de madeira inferior. O gado come suas fôlhas, Enchem travesseiros com seus folíolos.
- 16 — Cansação. — Euphorbiáceae. — Conhecida na zona da mata também por urtiga branca.
- 17 — Capa bode. — Leguminosae. — Uma tira da casca amarrada em volta do pescoço, faz passar dores de garganta.
- 18 — Capim cabeludo. — Gramineae. — Cresce nas margens do rio e assemelha-se ao capim Paraguay da zona da mata. Uzado na alimentação do gado. Devido ao seu alto teor em água, não é das melhores forragens. Igualmente ao calumbí, é empregado para “fazer terra”, com ótimos resultados.
- 19 — Capim água. — Gramineae. — Forrageiro, apresenta a mesma desvantagem do anterior.
- 20 — Capim panasco. — Gramineae.
- 21 — Carcaraseiro. — Leguminosae. — A infusão da casca é indicada no tratamento de resfriados. Caprinos e bovinos comem suas flores.
- 22 — Carrapicho. — Gramineae.
- 23 — Carrapicho de ovelha. — Gramineae.
- 24 — Cebola brava. — Liliáceae. — O chá do bulbo serve como remédio nas “tosses brabas”. Os caprinos comem suas fôlhas e flores.
- 25 — Chucalhindo. — Sapindáceae.
- 26 — Craibeira ou caraibeira. — Bignoniáceae. — Boa madeira para construção e serviços diversos. Muito indicada para refloresmento. Caprinos e bovinos comem suas flores e sementes. Há entre os moradores da região do São Francisco a crença de que, quando floram as craibeiras, o rio vai dar o primeiro “repiquete”.
- 27 — Crista de galo. — Borragináceae. — Conhecida na zona da mata como “Fedegoso”. Forragem para ca-

prinos. A infusão das raízes é depurativo para o sangue. O chá feito com as raízes de: crista de galo, carrapicho de boi, velame, malva grossa e cabeça de negro, cura as convulsões infantís.

- 28 — Crôa ou corôa de frade. — Cactáceae. Utilizada como planta ornamental, Seus glochídios servem para encher cangalhas e selas. Ralando-se a parte central (estelo), obtem-se uma massa de que se faz cus-cuz.
- 29 — Curicaca. — Turneráceae. — Dotada de bonitas flores amarelas, poderia ser aproveitada como planta ornamental.
- 30 — Erva de passarinho. — Lorantháceae. Conhecida também como enxerto de passarinho. É considerada "refrigério" nas fazendas de criação, isso porque pode servir de alimento para os animais, mesmo no maior rigor da sêca.
- 31 — Espinheiro — Olacáceae.
- 32 — Fava braba. — Leguminosae.
- 33 — Favela. — Euphorbiaceae. De suas sementes, que as creanças comem com gosto, extrae-se óleo de bôa qualidade. A raspa do "entrecasco" sêco ao sol, cura feridas e as infecções umbelicais dos caprinos.
- 34 — Fedegôso. — Leguminosae. — Tem na zona da mata o nome de Mangirioba. Suas sementes torradas e moidas dão uma beberragem semelhante ao café.
- 35 — Federação — Compositae.
- 36 — Feijão brabo. — Capparidáceae. — Ótima forragem para caprinos.
- 37 — Gitirana. — Convolvuláceae.
- 38 — Icó branco. — Capparidáceae. Apresentando a particularidade de ter fôlhas persistentes, mesmo quando cortados os seus galhos, é utilizado para cobrir as "latadas" junto às casas de residência, nas quais instalam a cosinha. O chá da raiz com uma "pele" de fumo serve como vomitório nos embarços gástricos.
- 39 — Icó preto ou de cavalo. — Capparidáceae. — Seus frutos, nas sêcas, são procurados como alimento, embora tenham gosto exquesito.
- 40 — Imburana de cambão. — Burseráceae. — Árvore de madeira fraca que entretanto é aproveitada para lenha nas casas de farinha, engenhos de rapadura, etc.



Ramo de "Icó branco" com flores.

Serve ainda para confecções de gamelas e alguns trabalhos ligeiros. O chá do "entrecasco" é depurativo. O gado come suas fôlhas.

- 41 — Ingazeira. — Leguminosae. — Arvore que cresce geralmente à margem do rio ou entre pedras. Produz frutos comestíveis:— Ingás. Segundo T. Sampaio vem de: i-igá= o que é embebido, alusão ao arilo comestível. Barbosa Rodrigues diz: de angá= que tem sementes envolvidas (2). Suas fôlhas novas, nas sêcas, podem alimentar o gado.
- 42 — Jatobá. — Leguminosae. — Ótima madeira para trabalhos de construção naval e outros. De sua casca faz-se chá "depurativo".
- 43 — Joazeiro. — Rhamnáceae. — Árvore bastante conhecida pela sua sombra agradável, caracterizando-se também pelo fato de manter-se verde, enquanto a sêca retira as fôlhas da vegetação restante. Produz pequenos frutos comestíveis. Suas fôlhas são usadas na higiene bucal.
- 44 — Jucá ou páu ferro. — Leguminosae. — Madeira muito resistente, porém de pouca serventia, por ser muito tortuosa. O chá dos frutos partidos serve para pancadas. Os "beradeiros" quando querem tingir alguma roupa de preto, cosinham diversos frutos partidos e misturam com "lama de zozó". Põem essa mistura juntamente com a roupa, em um "aribé" deixando passar um dia ou dois. Em seguida lavam em água limpa e têm sua roupa perfeitamente tinturada.
- 45 — Jurema preta. — Leguminosae. — Ótima madeira para o fabrico de carvão. O "entrecasco" raspado e fervido serve para lavar feridas. Os índios preparavam com a jurema, uma bebida fermentada, para suas festas religiosas.
- 46 — Jurema preta sem espinho. — Leguminosae.
- 47 — Malva — Malváceae.
- 48 — Malva rasqueira. — Malváceae. — Forragem para o gado e caprinos.
- 49 — Mandacarú. — Cactáceae. — No Pará chamam jamacarú — o espinhento; em tupi — iamã-carú. Diz Rodolfo Garcia que a etimologia de jamacarú, jaramacarú, mandacarú pode ser de : ia= o que tem, + má por ibá = fruto + carú = comestível;— o que tem fruto edule. J. B. Rodrigues diz: Iuma-

carú, de iú= espinhos, + má por ibá= árvore, +  
+ curu = comer:- árvore espinhenta que se come  
(2)

É considerado um dos melhores "refrigérios" do sertão. Nas sêcas, queimando-se os espinhos, constitue boa forragem para o gado. Seu fruto de linda cor púrpura, é bastante apreciado pelos passarinhos e pelas crianças. O chá de suas raízes é usado nas doenças venéreas.

- 50 — Maracujá brabo — Passifloráceae. —  
51 — Marizeiro. — Leguminosae. — Árvore cuja madeira apenas serve para lenha. O gado come suas folhas. Seus frutos podem ser comidos, sendo cozidos.  
52 — Mata cabra. — Convolvuláceae. — Quando há falta de alimento os caprinos procuram-no. É, porém, nocivo, pois em pequena quantidade produz tonturas, falta de contrôle nos membros etc. e em grande quantidade leva à morte. Possuindo bonitas flores de rôxo claro, é usado como planta ornamental.  
53 — Mato de pacú ou "decomê" de pacú. — Ce notheráceae. — Pacú:- Myletes sp.. Peixe da Fam. Characinidae. — De pag-ú= o que come desperto; vivo no comer; come alerta. Segundo Alberto Vasconcelos.  
54 — Melancia da praia ou gogoia. — Solanáceae. — A infusão de suas raízes é indicada para doenças dos rins.  
55 — Melosa. — Malváceae. — Pode ser empregada como forragem para o gado.  
56 — Mussambê. — Capparidáceae. — Para passar dores de dentes, machuca-se suas folhas e coloca-se sobre o dente dolorido.  
57 — Pai Pedro ou erva cidreira. — Verbenáceae. — O chá de suas folhas é usado como calmante e nos desarranjos intestinais.  
58 — Páu branco. — Leguminosae. — Nas sêcas fazem cuscuz de suas raízes raladas. No entanto, deve ter algum princípio venenoso, pois comido em excesso, produz inchação do corpo.  
59 — Páu de bezouro. — Leguminosae.  
60 — Pé de periquito. — Gramineae. — Capim mão de sapo da zona da mata. —  
61 — Pega pinto, batata de porco ou erva tostão, no sul do país. — Nyctagináceae. — O chá de suas raízes é indicado nos males dos rins, bexiga, etc. — Sua



Quixabeira

- rama é muito procurada por caprinos, suínos, etc. Com as raízes prepara-se o "aluá". Pisa-se as raízes, depois de raspadas e engarrafa-se com água, deixando-se passar alguns dias. Quando se quer tomar, agita-se, afim de misturar algum amido que se deposita; adiciona-se açúcar e mais água.
- 62 — Pereiro. — Apocynáceae. Madeira de regular qualidade para caibros e serviços ligeiros. Suas fôlhas mastigadas produzem vômitos e cólicas. De sua casca, muito amargosa, faz-se chá para desarranjos estomacais.
- 63 — Pinhão brabo. — Euphorbiáceas. — Seu latex caustificante é empregado para tirar verrugas. Suas cinzas substituem a potassa, no preparo de sabão.
- 64 — Quebra pedra. — Euphorbiáceae.
- 65 — Quipá. — Cactáceae. — Pequena palma que nas sêcas é procurada pelos caprinos. Dotada, especialmente nos frutos, de pêlos finísimos, êstes se fixam por tôda a mucosa bucal daqueles animais, impossibilitando-os de comer, em virtude de uma irritação generalizada, levando-os à morte pela fome.
- 66 — Quixabeira. — Sapotáceae. — Sua madeira apesar de não ser de primeira qualidade é empregada para cabos de enxadas, varas de canôas, etc. Seus pequenos frutos de um bonito rôxo negro, têm sabor adocicado e são apetecidos pelo homem, caprinos, etc. Os caprinos comem suas fôlhas novas.
- 67 — Rabo de calango. — Zygophylláceae. — Bovinos e caprinos procuram-no como alimento.
- 68 — Salsa. — Convolvuláceae. — Conhecida na zona da mata como gitirana.
- 69 — Turco. — Leguminosae. — Gracioso arbusto que se pode utilizar como planta ornamental. Seus frutos servem de ração para caprinos e suínos.
- 70 — Unha de gato. — Leguminosae.
- 71 — Unha de gato sem espinho. — Leguminosae.
- 72 — Vassourinha. — Escrofulariaceae. Pisadas suas raízes com sal de cosinha, raiz de fedegôso e mussambê, põe-se de molho durante uma noite. Serve para resfriados.
- 73 — Vassourinha de botão. — Rubiáceae.
- 74 — Velame. — Euphorbiáceae.
- 75 — Xique-xique. — Cactáceae. — Nas sêcas é uzado como alimento para o gado. Assado, pode substituir macacheira.

76 — Zozó. — Polygonáceae. — Crescendo às margens do rio, tem grande influência no aumento das ilhas, pelo acúmulo de areia, sendo muito plantado para êsse fim. É também empregado como isca nos côvos ou “côfos”. Quando o fumo em corda se resseca, enrola-se com fôlhas de zozó e fecha-se tudo em uma lata. Passados alguns dias, o fumo retoma o seu aspecto primitivo. Seus ramos machucados produzem uma mucilagem que serve como fixador dos cabelos.

Fazendo um resumo, temos: 76 espécies conhecidas por nomes vulgares, divididas por 33 famílias, como se segue:

Leguminosae — 22 espécies; Gramineae — 6; Euphorbiáceae — 5; Cactáceae — 5; Cappariáceae — 4; Convolvuláceae — 3; Malváceae — 3; Turneráceae — 2; Verbenáceae — 2; Asclepiadáceae, Myrtáceae, Anacardiáceae, Amarantáceae, Portulacáceae, Liliáceae, Sapindáceae, Bignoniáceae, Borragináceae, Lorantháceae, Olacáceae, Compositae, Burseráceae, Rhamnáceae, Passifloráceae, Oenotheráceae, Solanáceae, Nyctágináceae, Apocynáceae, Sapotáceae, Zygophylláceae, Escrofulariáceae, Rubiáceae e Polygonáceae, com uma espécie, cada.

---

#### B I B L I O G R A F I A

- 1 — A pesca e caça no alto São Francisco. — Alvaro Aguirre.
- 2 — Notícia do Brasil — Gabriel Soares de Sousa.